

ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA

***o pássaro solitário***

Editora Penalux, 2020

PARTE I

O PÁSSARO SOLITÁRIO

## Viagem

Uma embarcação no leito  
e a lenta morte fazia sua hora.

O barco de papel trazia  
um alfabeto de esqueletos mágicos.

O sol penetrava nos cabelos  
das palavras doces  
do livro itinerário.

No rio de símbolos  
costurados pelo céu  
um tapete de lágrimas.

A chuva se fez prece dos viajantes  
percorrendo os papéis do vento.

Duas taças, a aliança  
no ritmo dos vaga-lumes  
a luz, acesa a espera.

O mapa do mistério da morte  
amor em pedaços, sangra a lua.

A viagem pela escrita  
um vazio de tempo  
a bússola inumana das raízes.

O papel se mancha de tinta ácida  
o rio percorre as pupilas – lenda  
viajante sou de um barco maior –  
o mar.

## O pássaro solitário

Dentre os pássaros, um rei  
encolhido, solitário  
na sua plumagem dourada  
contradiz os sons e alaridos.

O silêncio se acostuma com as horas  
Pássaro e ousado  
a leitura do mundo em seus olhos.

Acordado no dia  
o sol, límpido e austero.

Voo em alinhado  
no alinhado da rede humana.

Malabares em surdina  
cortando o chão, voo.

O entrecortar de nuvens, ar  
no longínquo espaço do risco.

Zigue-zagues em desatino, lindo  
o ar se molha de chuva  
É o choro do pássaro  
na sua solidão profunda.

## Nuvens sozinhas

Umas nuvens  
apartadas de suas vizinhas  
com a imensidão do céu  
como subterfúgio.

Fujo dos pássaros em revoada  
aquelas nuvens eram meus escritos  
não brancos da brancura mais límpida  
mas acinzentados pelas palavras malditas.

Um toque de lira e as nuvens se afastam  
deixando aquelas nuvens sozinhas  
nas minhas mãos laminadas  
com corte de faca certa.

## Livro

Livro é como indivíduo  
em sua vastidão, não.

O fantasma se encolhe no seu próprio medo  
o poeta ultrapassa seu espectro, onda.

As tintas percorrem o papel  
só o poeta se desdiz e ultrapassa a muralha.

Livro e indivíduo, o lento jogo do fogo  
as letras se encarnam em pedras, tomam corpo  
transformam-se em seres, o que era osso  
se adensa na forma, carne.

Livro que vivifica, sopra o espírito no corpo  
sopro e forma, arte e vibração.

O indivíduo não mata, só ata a atadura das palavras  
nos papéis vagos da memória.

O fantasma se afasta, espanto  
do homem entregue ao verbo  
na devassidão de suas madrugadas carnavais.

Mas o espírito que não era fantasma,  
a letra viva,  
ata as pontas do livro e do indivíduo.

## Caderno vermelho

O diário do poeta  
era aquele caderno vermelho  
do fogo mesmo  
não do azul do céu ou do mar tempestuoso  
mas da queimação das preces  
da erótica fagulha do incêndio  
que atropela os seres em procissão.

Canibais de si mesmos, os seres  
esperam longas horas pela inspiração  
posto que é chama, amores  
o vinho agora era um ótimo criador  
dos deuses, nada  
da vida, tudo  
a faísca da experiência vibrante  
que era escrever naquele caderno vermelho.



## Naufração das flores

Como naufragar o leve,  
Reverter a substância toda,  
Tirar o sumo,  
A essência?

As flores caem naquele mar verde,  
Ascendendo o aroma ao céu estrelado,  
Morrem de tempestades que não vêm,  
Mudam os itinerários das embarcações.

A essência da água é sua leveza,  
Como contornar os naufragos tiranos  
Que adoecem com febres de pesadelos?

Preciso da bebida insólita da madrugada,  
Fazer da lenda das orquídeas  
Um dormir nas águas do novo  
Agarro-me ao castelo de estrelas,  
Que caem como flores sepulcrais nos oceanos.  
As flores nadam aos bocados,  
Alcançam a ilha imaginária dos sonhos,  
Reflorestando as areias de palavras poéticas.



**LIVROS ILUMINAM**

---

Este livro foi composto em Electra LT Std  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em novembro de 2020.

---